

1

Introdução

Tomado de empréstimo a Mário Quintana,¹ o título “Esconderijos do tempo” embaraça: tem esconderijo, o tempo? Estamos a tomá-lo como o espaço? Mas, a rigor, tampouco há esconderijo no espaço, onde cada coisa está exatamente onde está, tão bem ou mal escondida quanto qualquer outra. “Por mais longe nas entranhas da Terra que alguém tenha ido levar algo”, mostra Jacques Lacan, “isso lá não está escondido, já que, se ele foi, vocês também podem ir”.² Seja uma carta que não se encontra, seja um anel que não se vê, “só pode haver algo escondido na dimensão da verdade”.³

Em “Esconderijos do tempo”, contudo, não se parte da recusa absoluta da materialidade, em favor da virtualidade das verdades relativas, mas de um singular cruzamento entre o campo simbólico das palavras, a realidade material das imagens e o mundo real daquilo que sempre escapa e sempre se esconde.

Em 1945, “quando nada parecia prometer amanhãs dourados”,⁴ Lacan escreveu “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada”.⁵ A época não era inoportuna para colocar em questão os modos de coletivização e de identificação, e a absoluta necessidade de um tal processo é reafirmada por Lacan: “é certo que os seres humanos se identificam a um grupo; quando eles não se identificam a um grupo, estão ferrados, devem ser internados. Mas não digo, com isso, a que ponto do grupo eles têm que se identificar”.⁶

Abre-se, assim, a porta para a concepção de modos distintos de cruzamento entre o sujeito e a coletividade. Para delineá-los, nosso ponto de partida será o estudo, via Lacan, da radicalidade da descoberta freudiana: sujeitos descentrados com relação a si mesmos, construções subjetivas feitas a partir de

¹ QUINTANA, M. **Esconderijos do tempo**. São Paulo:Globo, 2005.

² LACAN, J. **O Seminário:livro2**. Rio de Janeiro: JZE, 1985, p.254.

³ *Ibid.*

⁴ LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: JZE, 1985, p.67.

⁵ LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 197.

⁶ LACAN, J. **Seminário R,S,I**. inédito, aula de 15 de abril de 1975.

fragmentos de realidade e de vida. Qualificada, pelo próprio Sigmund Freud, como “revolução copernicana”⁷, sua teoria descreve a subjetividade como uma construção complexa e sempre precária, e não como um dado inato e imutável.

As identificações, assim, não serão estudadas como o momento segundo e discricionário de relação com o coletivo, mas como o processo *sine qua non* de assunção a uma subjetividade que a cegonha se recusa a oferecer.

Isso feito, nosso objetivo principal será mergulhar em “O tempo lógico...” e nas fundamentais releituras empreendidas por Lacan, para localizar, a partir da introdução de novas matrizes conceituais, um modo específico de estabelecimento dos laços sociais que não seja obstáculo intransponível à singularidade do sujeito.

É exatamente nesse ponto que o *tempo* se torna um tema privilegiado. Buscaremos demonstrar, com Lacan, que não há possibilidade de se conceber a inscrição da singularidade do sujeito no campo universal do coletivo sem recorrer a uma temporalidade distinta da espacialização cronológica do tempo, mensurável e homogênea a si mesma em todos os instantes. Trata-se do *tempo lógico*, dividido em três – o *instante de ver*, o *tempo para compreender* e o *momento de concluir* – e prenhe de uma “asserção subjetiva antecipatória”, pela qual um sujeito ao mesmo tempo vê-se ultrapassado e ultrapassa a alienação própria a tudo o que é universal.

Toda a descrição desse ato tem como base a análise de um problema de lógica criado por Lacan: o sofisma dos três prisioneiros, cuja liberdade depende da descoberta da cor de um disco que carregam nas costas e cuja pista não se encontra senão naquilo que fazem os demais prisioneiros ao vê-los. A solução é absolutamente impossível... Até que alguém a torne possível.

Para o leitor indeciso em prosseguir, uma prova das boas razões de Lacan:

“De bom grado levamos aqueles que nos seguem aos lugares em que a lógica é perturbada pela desencadeada disjunção entre o imaginário e o simbólico, não para nos comprazermos com os paradoxos que ali se geram, nem com nenhuma pretensa crise do pensamento, mas, ao contrário, para lhes reduzir o falso brilho à hiância que eles apontam, para nós sempre simplesmente edificante, e sobretudo para tentar forjar ali o método de uma espécie de cálculo cujo segredo a inadequação como tal faria revelar (...)”.⁸

⁷ FREUD, S. **Obras completas:ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XVI, p.292, ou *ibid*, vol. XIX, p. 246.

⁸ LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p.835.